

NOTÍCIAS SOBRE A PERMANÊNCIA DA LEITURA CRÍTICA DE HELEN CALDWELL SOBRE *DOM CASMURRO* NA ATUALIDADE

NEWS ABOUT THE PERMANENCE OF HELEN CALDWELL'S CRITICAL READING ABOUT *DOM CASMURRO* NOWADAYS

Vanessa Costa dos Santos

Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita,
UNESP

Docente da Universidade Estadual de Goiás

vanessa.santos@ueg.br

Mariana de Oliveira Borges

Graduanda em Letras – Português e Inglês pela Universidade Estadual de
Goiás, UEG

marianaborges.mob@gmail.com

Vitor Hugo Ideis Arruda

Graduando em Letras – Português e Inglês pela Universidade Estadual de
Goás, UEG

vitorpgtu@outlook.com

Resumo: Este estudo tem por objetivo verificar a permanência da leitura crítica que Helen Caldwell fez de *Dom Casmurro* na atualidade. Para tanto, fez-se um levantamento no banco de teses e dissertações da Universidade de São Paulo (USP), a partir do ano de 2010, para averiguar a recorrência de sua contribuição crítica.

Palavras-chave: Helen Caldwell. *Dom Casmurro*. Crítica Literária.

ABSTRACT

This study has as main aim to verify the permanence of the critical reading that Helen Caldwell did of *Dom Carmurro* nowadays. For this purpose, a survey was made in the thesis and dissertation database of the University of São Paulo (USP), as of 2010, to ascertain the recurrence of her critical contribution

Keywords: Helen Caldwell. *Dom Casmurro*. Literary criticism.

Introdução

O presente trabalho busca apresentar notícias sobre a repercussão da leitura crítica de Caldwell na atualidade. Deste modo, optamos por realizar

um mapeamento no Banco de Teses e Dissertações da Universidade de São Paulo – USP, a partir do ano de 2010. A opção pela USP se dá pela recorrente circulação e participação em eventos, sobre Machado de Assis, do professor inglês John Gledson – crítico de Machado de Assis de destaque internacional. Além disso, buscamos por teses e dissertações defendidas a partir de 2010, com a finalidade de verificarmos a atualidade do pensamento de Caldwell. Como critério, selecionamos apenas teses e dissertações elaboradas por homens¹ e que tinham o romance *Dom Casmurro* como *corpus* do trabalho.

Com isso, a primeira parte do trabalho, intitulada “Helen Caldwell e a defesa de Capitu” busca apresentar a análise anti-patriarcal realizada por Caldwell, a fim de defender e dar voz a Capitu, personagem silenciada e impossibilitada de defesa, dentro do romance. Já na segunda parte, referida como “A contribuição de Helen Caldwell para as outras leituras de *Dom Casmurro*: na mira da inocência de Capitu”, fizemos referência à crítica acadêmica, a partir do banco de teses e dissertações da Universidade de São Paulo - USP, de modo a confirmar ou refutar a recorrência da defesa de Caldwell frente à Capitu dentro dos trabalhos selecionados, além de identificar, reavivar e clarificar os possíveis desdobramentos da leitura crítica da escritora californiana.

1 Helen Caldwell e a defesa de Capitu

A leitura de *Dom Casmurro* sofreu modificações com o passar do tempo, sobretudo, no que se refere ao âmbito moral. Acreditamos que esses aspectos inerentes à leitura da questão do adultério na obra, tema discutido recorrentemente, são produtos da tríade já sinalizada por Antonio Candido (2000): obra, autor e público. O processo de análise e crítica da obra está diretamente ligado aos fatores sociais em que o leitor está inserido. De acordo com o autor:

A literatura é, pois, um sistema de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é um produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é

¹ Como a crítica do romance *Dom Casmurro*, antes de Caldwell, revela uma faceta patriarcal de nossa sociedade, que versava no sentido de condenação da protagonista, optamos por verificar essa leitura na atualidade a partir dos leitores, sobretudo, para verificar se essa estrutura permanece.

passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e os quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo (CANDIDO, 2000, p.68 *apud* NÓBREGA, 2017, p.80).

79

Deste modo, a leitura da literatura se faz a partir da crítica, que, via de regra, acaba por modificar o modo de conceber o texto literário e seus personagens mais emblemáticos. Exemplo disso é a leitura feita por Helen Caldwell (2008), em *O Otelô Brasileiro de Machado de Assis*, acerca da possível manipulação do narrador de *Dom Casmurro*, bem como do seu ressentimento ao colocar em suspeição – e não provar – o adultério de Capitu. Assim, Caldwell revoluciona a leitura crítica de *Dom Casmurro*, ao defender a tese de que Capitu era inocente do adultério que lhe foi atribuído pelo narrador-personagem.

Vale dizer que a autora foi pesquisadora, crítica e professora estadunidense, além de ter sido também precursora do movimento feminista nos Estados Unidos, sendo este último fator um dos que fez com que ela se interessasse pela tendência brasileira no que tange ao campo da mulher e das relações que se estabelecem com elas, bem como relações de poder e submissão destas em relação ao homem.

Em *O Otelô Brasileiro de Machado de Assis*, Caldwell afirma que a obra machadiana apresenta a emergência de um intelecto estável e consciente, além de afirmar o interesse em entender o comportamento do narrador-personagem a partir de duas questões principais, sendo a primeira: “a heroína é realmente culpada de adultério?”; e a segunda: “por que o romance é escrito de tal forma a deixar a questão da culpa ou inocência da heroína para a decisão do leitor?”. Apesar de o romance *Dom Casmurro* ter sido escrito em 1899, nenhuma análise abrangente havia sido feita ainda – até que Caldwell a fizesse, pois, a leitura era conduzida ao leitor de tal forma que a culpa de Capitu parecia ser inegável. A partir dessas perguntas-chave e considerações, a escritora consegue reunir evidências que dão luz à desculpabilização da personagem e consegue evidenciar um problema existente em nossa sociedade patriarcal: de a mulher ser vista, via de regra, a partir da perspectiva duvidosa de um homem.

Em 2002, o *Folha de S. Paulo* publicou a notícia de que Capitu ganhara uma advogada de defesa californiana: Helen Caldwell². O periódico problematiza a questão, de modo a revelar o que já estava ganhando rumo, por seis décadas e por três gerações de críticos; Capitu era vista culpada até que, por fim, ganha uma advogada de defesa. No livro *The Brazilian Othello of Machado de Assis*, publicado nos EUA em 1960, Caldwell faz relações entre o personagem Shakespeariano “Otelo” e a sua constante retomada na escrita machadiana. Otelo é o personagem de Shakespeare e, notadamente, é a influência do *Bardo no Bruxo do Cosme Velho*, um dos pontos de partida da ensaísta. Para o redator do *Folha de S. Paulo*, Caldwell parece querer mostrar ao público americano – que praticamente ignorava Machado de Assis – o gigantismo do autor ao compará-lo com Shakespeare.

Alfredo Bosi, um dos críticos de Assis, de grande repercussão nacional, ao lado de Roberto Schwarz e Silviano Santiago, aponta uma direção oposta. Apesar de fazer elogios, sobretudo ao fato de Caldwell ter chamado a atenção da crítica americana para a obra de Assis, defende que o ensaio “não avança de modo significativo para a compreensão do romance”.

De acordo com as considerações de Alfredo Bosi na matéria do *Folha de S. Paulo* no ano de 2002, “O livro acaba desviando o leitor do núcleo dramático do romance, que é a transformação de Bentinho em Dom Casmurro”. Além disso, o autor deixa claro que, na conclusão de sua concepção, a tradução da obra de Caldwell é, nada mais, nada menos, do que uma “iniciativa meritória”.

Apesar da crítica de Bosi, Caldwell finca um marco nas leituras em torno de *Dom Casmurro*. A autora consegue desculpabilizar a personagem e faz refletir tal fator na crítica acadêmica que, a partir de sua visão, passa a se interessar e defender mais Capitu frente a uma perspectiva mais evidente e divergente da voz masculina que fala no romance, discutindo ainda mais o realçar da mulher frente às desigualdades que enfrenta na literatura e nos outros campos do pensamento e da atividade humana.

É a crítica literária que oxigena a obra e permite a sua circulação, no sentido do sistema – autor, obra, público – apresentado por Candido (2000). Para

² MACHADO, Cassiano Elek. “Capitu ganha “advogada de defesa” californiana”. In: *Folha de S. Paulo* (Ilustrada). 9/11/2002. Disponível: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0911200211.htm> Acesso em: 26/5/2020.

Cardoso Filho (2011), quando uma obra é lida, ela exerce a função de literatura, o que, aliado à leitura crítica, faz com que a obra seja entendida e discutida, dando sentido a ela. O referido autor ainda afirma que a crítica não é a busca do sentido da obra, mas a “parturição” desse sentido. O que se entende por parturição é o ato de parir, de dar à luz. A crítica tem, então, o papel de dar à luz, voz e discussão à obra. A discussão acerca de uma obra exposta, sobretudo na crítica acadêmica, faz-nos reconhecer um período através das ideologias presentes. Esse conhecimento é o princípio para se constatar e dar espaço aos personagens antes silenciados. Daí a importância da leitura crítica advinda, em massa, da academia.

Já Martins (2009), afirma que a crítica literária tem um papel relevante na dinâmica interna de qualquer cultura, uma vez que é através dela que há uma certa articulação do diálogo entre obra e exigência de determinado período. É através das apreciações críticas que se pode definir as várias recepções e valores estéticos difundidos na época em questão.

Neste sentido, o estudo de Caldwell sobre *Dom Casmurro* não apenas dá luz ao texto, mas também direciona os olhares dos leitores para outra direção possível. Além disso, mostra a face patriarcal, até aquele momento, de nossa leitura crítica.

2 A contribuição de Helen Caldwell para as outras leituras de *Dom Casmurro*: na mira da inocência de Capitu

De acordo com o levantamento realizado no banco de teses e dissertações da USP, constatamos que, apesar da grande repercussão da obra, há apenas dois trabalhos sobre o romance que correspondem aos critérios que julgamos como importantes para este trabalho: tratar especificamente da referida obra e serem homens seus possíveis autores – o gênero torna-se importante, neste caso, para entendermos como o trabalho crítico de Caldwell direciona olhares mesmo não estando na esteira dos estudos feministas. Também, como já citado, a opção pelo banco de teses e dissertações da USP se dá pela circulação do professor John Gledson na Faculdade de Letras dessa universidade. O professor da Universidade de Liverpool destaca-se como leitor de Machado de Assis e teve circulação em eventos importantes sobre o

romancista na USP. Acreditamos que a grande circulação das ideias de Gledson definiu paradigmas e formaram leitores machadianos nessa instituição.

Dentre os critérios citados, encontramos apenas uma tese de doutorado, de 2010, intitulada: *O Devir da Escrita e o Princípio Antológico da Identidade em Dom Casmurro*, de Antônio Marcos Moreira Silva; e uma dissertação de mestrado, do ano de 2014, *Em Torno da Ironia: análise de Dom casmurro de Machado de Assis*, de Daniel Gomes da Fonseca.

A tese de doutorado de Silva (2010) foi apresentada ao curso de Pós-graduação em Letras e possui um total de 215 páginas divididas em duas partes, introdução “A fauna do conceito de ser e devir em *Dom Casmurro*” e conclusão. A primeira parte, “Devir e os nomes do centro”, estrutura-se em cinco principais subpartes, sendo elas “A prerrogativa do ser”, “O devir e a energia”, “As causas e o devir: a lógica da causalidade”, “O devir e a interpretação” e, por fim, “Tipologia”.

O segundo capítulo da referida tese, “A escrita estratégica de *Dom Casmurro*”, se subdivide em “A escrita em devir”, “Devir da personagem: Capitu”, “Devir do narrador: Bento Casmurro” e “A escrita testamentária”. O autor acredita que o narrador personagem escreve para lidar com o ressentimento do passado, o que provoca uma ruptura com a moral do ressentimento. Para isso, Silva (2010) fundamenta-se na teoria sobre o *devir* de Jacques Derrida.

Já a dissertação de mestrado de Fonseca (2014) concentra-se na área de Teoria Literária e Literatura comparada. Seu trabalho divide-se em apresentação, três capítulos: “*Dom Casmurro* e o naturalismo”; “Capital e escravidão: as raízes histórico-sociais do sentimento de desconfiança de Bento Santiago”; por fim “O pseudoadultério como escritura do ciúme”. Além de contar com as considerações finais e dois apêndices, um sobre a linha crítica relativista e o outro, sobre a publicação de *Dom Casmurro*. A dissertação de Fonseca (2014) consegue mostrar que a ironia age em três níveis na obra, de maneira que resulta em ideologias conservadoras figuradas como preconceito, são eles: “a articulação formal, nas concepções que lhe servem de base e no caráter dos personagens” (FONSECA, 2014).

Ao citar Gledson (1999), Fonseca afirma que *Dom Casmurro* é um romance que coaduna um grupo de pessoas que agem movidas pela lógica das condições sociais e familiares que estão inseridas e suas ações se dão de

maneira que formam o enredo. Mediante a isso, pode-se concluir que a ação da promessa feita por D. Glória de que Bentinho seria padre, foi condicionada pela sociedade patriarcal e católica da época. Essa ação acarretou também o fato de que Betinho conhecesse seu amigo Escobar, principal responsável pela dívida do adultério presente no romance vivido pelos dois protagonistas da história, tudo isso constituindo o enredo da obra.

Ainda citando Gledson (1999), Fonseca (2014) versa sobre a questão das classes sociais, afirmando que o personagem José Dias, na família, é bastante paradoxal, uma vez que um agregado – pessoa não essencial – era subordinado a uma família, sem função bem definida, não era pago, nem escravo, nem possuía grau de parentesco. Desse modo, tal personagem reflete a dinâmica social da época, na função de dependente. A figura do narrador nos textos machadianos é preponderante, já que de acordo com Paulo Couto (2016), os leitores brasileiros têm facilidade em concordar com os narradores machadianos por serem elaborados em primeira pessoa. Assim, os narradores autoritários de Assis, que tanto fazem com que os leitores vejam com naturalidade a relação proprietário/agregado, como os levam a concordarem com a culpabilidade designada a Capitu.

Fonseca (2014) ainda ressalta sobre o dinamismo social que marca o período da escrita de *Dom Casmurro*, uma vez que trazia consigo toda a pomposidade da corte que predominava na época, com festas periódicas durante o ano, bailes, representações teatrais, entre outras. As recorrentes festas vislumbram as pessoas que procuram e possuem o objetivo de se tornarem parte da burguesia. No romance, Fonseca (2014) ressalta essa procura incessante a partir do personagem Escobar, que tinha o sonho de ser comerciante e não padre.

Outro aspecto colocado por Fonseca (2014) é o caráter escravagista da sociedade brasileira, ilustrado quando Bento mostra a casa de sua mãe para Escobar e não deixa de mostrar os escravos – como propriedade – além de o narrador mencionar que sua mãe os vigiava em passos silenciosos. Desse modo, a sociedade recentemente “libertada” da escravidão, pela abolição da escravatura em 1888, não estava totalmente livre, uma vez que os escravos não tinham como sobreviver, meio a ascensão capitalista do período, e se fadavam novamente ao trabalho escravo em troca de meios de sua subsistência. Essa

contradição entre ideias liberais e práticas escravagistas é também apontada por Paulo Couto (2016), como um aspecto social do Brasil oitocentista.

Na dissertação de Fonseca (2014), tem-se como um dos objetivos: mostrar e evidenciar a incompatibilidade entre o caráter de Capitu e do adultério. Assim, a concepção de Bentinho acerca da traição é que Capitu e Escobar se juntaram por “força do destino”. A inexistência de provas deixa o ar de incompatibilidade dos fatos, se é que estes existem. Ainda de acordo com o mesmo autor, outra incompatibilidade entre a protagonista e a suposta traição é que ela sempre tratou o marido de uma única forma, além disso não há relatos que ela tenha usado algum cúmplice para traição. Isso coaduna com a falta de fatos existentes e nos deixa claro que a culpa do adultério pode não existir.

Com base em Meyer (2008 *apud* Fonseca, 2014), há a incompatibilidade entre a protagonista e o ato da traição; em raros momentos existem manifestações exteriores da personagem, tais como gestos, atitudes, palavras que coadunam com o acontecimento e com a atitude traidora de Capitu, o que contribui para a sua desculpabilização. Segundo a interpretação de Fonseca (2014), outro aspecto da protagonista que caracteriza a sua fidelidade, se dá pelo fato de agir com integridade, partindo sempre dela a atuação ativa de colocar os assuntos da relação amorosa com Bentinho em dias, sempre com clareza e disposição. Para Silva (2010), o narrador coloca em Capitu uma certa singularidade, isso porque ele possui uma visão singular sobre ela, o que apoia sua atitude de dominar os fatos. A escrita, vista sob um viés analítico da personagem Capitu, é a tentativa de fazer representar todos que estão silenciados, nas conclusões do referido autor.

Em um romance em que os fatos narrados são sempre do ponto de vista do protagonista – um homem que vive em uma sociedade patriarcal – sempre há motivos para a desconfiança sobre tais “fatos”, bem como Fonseca (2014) aponta. O autor ainda conclui, através dos estudos históricos da época que colocavam a mulher em estado de suma dependência em relação aos homens, que em todo momento a atitude do narrador personagem é de inscrever Capitu dentro de uma personagem desleal, tal atitude é condicionada, sobretudo, pelo meio em que o narrador está inserido, onde a mulher não estava sendo considerada da maneira em que merecia.

Já no segundo trabalho encontrado, *O devir da escrita e o princípio antológico da identidade em Dom Casmurro*, Antônio Marcos Moreira da Silva (2010) versa sobre a descoberta de “uma verdadeira Capitu”, além de discutir sobre o *devir* da escrita na obra *Dom Casmurro*, a fim de estabelecer as questões identitárias. Para Silva (2010), o enigma de Capitu se desenvolve em relação à interpretação do leitor de cada época, ou seja, para cada época há uma interpretação ou um *devir* diferente. Todas essas interpretações, quase sempre, procuram saber se Capitu é a representação da verdade dentro do romance ou simplesmente quem é Capitu. O autor, de acordo com os estudos por ele realizados, afirma que a responsabilidade sobre os personagens da obra e sobre as personalidades que recaem sobre os mesmos, bem como o tipo de personagem que se estabelece, é sempre do narrador. Em *Dom Casmurro*, o narrador “joga” essa responsabilidade para cima dos leitores, cabendo a eles dizerem se Capitu é mesmo uma traidora ou não.

Entram, nesse contexto, duas questões primordiais: a primeira diz respeito ao saber se Capitu é culpada ou inocente; a segunda, é entender por que Machado de Assis deixa essa primeira decisão para o leitor responder, ou seja, deixa uma interpretação para fora do texto. De acordo com o autor da tese, bem como os outros romances de Machado de Assis, *Dom Casmurro* abre margem para uma indecibilidade, esta por sua vez abre margem para a responsabilidade do leitor, ou seja, a responsabilidade que era do próprio narrador passa a ser do leitor.

A partir de uma metáfora sobre o Castelo de vento, Silva (2010) disserta sobre a crença na permanência de algo. Neste caso, a permanência dos costumes é benéfica a Casmurro, porque é a partir da moral nos costumes que o julgamento de Capitu se firma. Casmurro estaria, dessa forma, “acima da moral e dos costumes” (SILVA, 2010, p. 51), por isso não é o julgado, não é o réu do julgamento que cria. Bento representa o castelo, o ponto de vista estável – e, por isso, acreditado por tantos anos.

Bosi (1999 *apud* Silva, 2010) relata que procurar responder à questão crucial do sentido está no horizonte de toda forma de interpretação literária. A resposta advinda do leitor e a responsabilidade que ele tem de fazer isso, se faz presente na obra através da autoridade usada pelo narrador em seu discurso, sendo que, por essa autoridade, o leitor – aqui considerado como leitor simples

– é obrigado a declarar Capitu culpada, uma vez que o narrador-personagem abre margem para que a personagem seja declarada com tal veredito.

A professora norte-americana Helen Caldwell (apud Silva, 2010), afirma que a voz autoritária que o narrador tem mediante a declaração de Capitu como mulher adúltera é advinda do contexto histórico do século XIX, onde a mulher não tinha o direito da livre expressão de sentimento. Sendo assim, cabia a um homem expressar a “verdade”, e essa “verdade” silenciava a voz feminina. Embasado numa filosofia kantiana e citando Abel Barros Baptista (1998), Silva (2010) afirma que a responsabilidade justa do leitor se daria pela desculpabilização de Capitu, uma vez ressaltadas a atitude do narrador e a voz que ele ocupa nessa sociedade patriarcal.

Em relação à narrativa, Silva (2010) nos apresenta, de acordo com os críticos por ele estudados, que esta possui uma inadequação da representação com o real, em relação a um significado e um significante. A linguagem dá ao romance o princípio de desencontro, do mal-entendido. Na estrutura do romance, existe uma descrição do signo que engana, que segreda, uma vez que em tal escrita se desenvolve em torno de uma cena que nunca teve presença plena para Casmurro.

Nota-se, nos dois trabalhos selecionados sobre *Dom Casmurro*, a leitura crítica de Caldwell. A crítica estadunidense conseguiu reverter a certa culpa que recaía sobre Capitu transformando-a em mera verossimilhança. Após Caldwell, não é possível mais apontar Capitu como culpada, o que aparece é um ressentimento de quem detém a voz narrativa. Nos dois textos selecionados, temos a voz ativa da crítica de Gledson, sobretudo, no texto de Fonseca (2014), bem como a atuação crítica de Caldwell. Tanto Silva (2010), como Fonseca (2014) mantêm a esteira da interpretação narrativa, apresentada por Caldwell, quando defendem Capitu, seja pela integridade moral da personagem ou pelo caráter pouco confiável de Bentinho.

Considerações Finais

A percepção das interpretações acerca de *Dom Casmurro* nos leva a considerar que as leituras da obra mudam de acordo com o contexto social do leitor e, sobretudo, pelas leituras críticas que se fazem da obra. O texto literário

mantém-se em circulação pelas leituras críticas que a oxigena, dando-lhes vida e novo vigor. A leitura de Caldwell agiu nesse sentido, oxigenou o texto machadiano, abriu nova esteira de leitura e continua até hoje ecoando em nossa memória no sentido da defesa de Capitu. Além disso, descortina a leitura patriarcal que era feita da obra, sempre a condenar a protagonista sem levar em consideração a voz autoritária e ressentida de Bentinho. As leituras realizadas antes de Caldwell eram também espelho da nossa visão de mundo, mais apta a condenar mulheres a homens e mais acostumada às vozes masculinas e às “suas verdades”.

Depois de Caldwell, a exemplo dos dois trabalhos estudados, tornou-se possível olhar de modo mais lúcido o enredo do romance, chegando à ideia da “decibilidade” no que diz respeito à refinada técnica narrativa de Machado de Assis. Entre a inocência e a culpa de Capitu, está a técnica da verossimilhança narrativa que, mesmo sem apresentar provas da traição, pode nos levar a cogitar o fato como verdade. Isso nos faz acreditar que o leitor comum das obras de Machado de Assis pode se render facilmente ao tom autoritário de seus narradores-personagens, dependendo da sociedade em que o leitor está inserido, bem como das leituras críticas que ele ouviu ou leu.

REFERÊNCIAS

CALDWELL, Helen. *O Otelo Brasileiro De Machado de Assis*. Tradução: Fabio Fonseca de Mello. São Paulo: Ateliê, 2008.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6 ed. Belo Horizonte: Itatiaia Ltda, 2000.

CARDOSO FILHO, Antônio. *Crítica Literária*. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2011

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*/ Antoine Compagnon; tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago. 2. ed, - Belo Horizonte: UFMG, 2010.

COUTO, E.P. *Roberto schwarz e a crítica social na literatura de machado de Assis*. Revista Florestan Fernandes, São Paulo. Ano 3 - N. 1 - Pag. 151-163, 2016

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica* / Gilles Deleuze; tradução de Peter Páil Pelbart.
– São Paulo: ed. 34, 1997

FONSECA, Daniel Gomes da. *Em torno da ironia: análise de Dom Casmurro, de Machado de Assis*. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, SP, 2014.

MARTINS, Manuel Frias. *Crítica Literária*. Disponível em:

<http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/critica-literaria/> Acesso em: 28 de maio de 2019

NÓBREGA, Patrícia dos Santos. *A influência do contexto histórico nas interpretações de Capitu: de adúltera a símbolo de autonomia*. Leopoldianum, Santos, ano 43, 2017, n° 119 e 120

SILVA, Antonio M. Moreira da. *O dever da escrita e o princípio antológico da identidade em Dom Casmurro*. Tese (doutorado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, SP, 2010.

TADIÉ, Jean Yves. *A crítica Literária no século XX*. 1. ed. Editora Bertrand Brasil, 1992.

TELES, Gilberto Mendonça, *A crítica e o romance de 30 do nordeste: ensaio* / Gilberto Mendonça Teles – Rio de Janeiro: Atheneu Cultura, 1990